

HISTÓRIA AMBIENTAL: REFLEXÕES E CONTRIBUIÇÕES AO PESQUISAR

ENVIRONMENTAL HISTORY: REFLECTIONS AND CONTRIBUTIONS TO RESEARCH

CARLOS ROBERTO DA SILVA MACHADO*
GUILHERME DOS SANTOS SERAFIM**

Resumo: O presente artigo tem como objetivo explicitar as contribuições da História Ambiental, surgida na década de 1970 nos EUA, assim como servir de esboço para uma pesquisa teórico-metodológica acerca da construção dos Molhes da Barra na cidade do Rio Grande, no extremo sul do Brasil no seguinte período: 1870 a 1922. Ao mesmo tempo, pretende-se apresentar uma compreensão do campo historiográfico chamado História Ambiental, bem como de suas particularidades e sua formação enquanto um campo científico da disciplina de História, o que servirá também como uma estrutura para fundamentação da pesquisa que será realizada dentro da linha de fundamentos da Educação Ambiental.

Palavras-chave: História Ambiental, Molhes da Barra, Conflitos.

Abstract: This article aims to explain the contributions of Environmental History, emerged in the 1970s in the USA, as well as serve as a draft for a theoretical-methodological research on the construction of the Barra Jetties in the city of Rio Grande, Brazil in the extreme south of Brazil in the following period: 1870 to 1922. At the same time, it is intended to present an understanding of the historiographical field called Environmental History, as well as its particularities and its formation as a scientific field of the discipline of History, which will also serve as a framework for the foundation of the research that will be carried out within the line of fundamentals of Environmental Education.

Keywords: Environmental History, Bar Jetties, Conflicts.

Introdução

Este trabalho tem como objetivo apresentar, de forma breve, uma reflexão do campo chamado História Ambiental descrevendo suas particularidades metodológicas, fontes, autores e importância na construção do conhecimento histórico para um estudo da relação dialética dos humanos/sociedade com a natureza no extremo sul do Brasil. A reflexão, de cunho ensaístico,

* Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, professor titular na Universidade Federal do Rio Grande - FURG do Instituto de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental. Coordenador do Observatório dos Conflitos Socioambientais e Urbanos do Extremo Sul do Rio Grande do Sul e Leste do Uruguai. (E-mail: carlosmachado2004furg@gmail.com).

** Graduado em Licenciatura em História pela Universidade Federal do Rio Grande - FURG, Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande - FURG, bolsista CAPES. Membro do Observatório dos Conflitos Socioambientais e Urbanos do Extremo Sul do Rio Grande do Sul e Leste do Uruguai. (E-mail: serafimguilherme1999@gmail.com).

é parte de uma pesquisa em realização na/da cidade do Rio Grande no período de 1875 a 1922, período da construção dos Molhes da Barra na cidade com o intuito de favorecer a exportação de commodities pelas elites urbanas e rurais do Rio Grande do Sul.

Este estudo dá continuidade às reflexões realizadas no extremo sul do Brasil¹, por outros pesquisadores e, para tanto, nos apoiaremos em quatro artigos – *A História Ambiental: temas, fontes e linhas de pesquisa* de José Augusto Drummond², *Para Fazer História Ambiental* de Donald Worster³, *As Bases Teóricas da História Ambiental* de José Augusto Pádua⁴ e *Scheherazade tropical: narrativas e diálogos da história ambiental no Brasil* de Regina Horta Duarte⁵ – e nos livros *História Ambiental no Brasil: Pesquisa e ensino* de Paulo Henrique Martinez⁶, e *História e Natureza* de Regina Horta Duarte⁷, dentre outros.

Através do estudo da história podemos perceber/refletir/compreender sobre a atuação do ser humano ao longo do tempo histórico. Nesta perspectiva, digamos, tradicional, é desconsiderado o afirmado por Melvill e Castro⁸ que neste “longo tempo histórico” que “as interações entre os sistemas sociais e os sistemas naturais e as consequências dessas interações para ambas as partes” devem ser consideradas.

Podemos dizer que foi a partir da emergência da história ambiental, surgida na década de 1970, que a natureza, ou os sistemas naturais, assume um lugar de destaque na interpretação dos fatos históricos – ainda que análises substancialmente histórico-ambientais já estivessem se delineando desde o início do século XX e até mesmo do século XIX⁹. Todavia, como afirmou José Augusto Pádua¹⁰ a “emergência de um enfoque ambiental na pesquisa histórica”, ou ainda,

¹ Pesquisas e reflexões realizadas por CIPRIANO, Diego Mendes; MACHADO, Carlos RS. O Bairro Getúlio Vargas, a remoção de moradias dos anos 1970 e a produção da desigualdade ambiental em Rio Grande, RS. **Revista CRÍTICA HISTÓRICA**, v. 12, p. 1-20, 2015; Cipriano, Diego Mendes; MACHADO, Carlos RS. A cidade do Rio Grande e sua natureza na visão de um cronista do século XIX. **REMEA - Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, v. 31, p. 231-251, 2014; Cipriano, Diego Mendes; MACHADO, Carlos. RS. Paisagens de uma cidade latino-americana sob a perspectiva de um viajante oitocentista. **REVISTA LATINO-AMERICANA DE HISTÓRIA**, v. 3, p. 204-223, 2014.

² DRUMMOND, José Augusto. *A História Ambiental: temas, fontes e linhas de pesquisa*. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 4, n. 8, p. 177-197, 1991.

³ WORSTER, Donald. *Para Fazer História Ambiental*. **Estudos Históricos**, RJ, vol. 4, n. 8, p. 198-215, 1991.

⁴ PÁDUA, José Augusto. *As Bases Teóricas da História Ambiental*. **Estudos Avançados**, vol. 24, n. 68, p. 81-101, 2010.

⁵ DUARTE, Regina Horta. *Scherazade tropical: narrativas e diálogos da história ambiental no Brasil*. **História**, São Paulo, v. 32, n. 2, p. 3-20, 2013.

⁶ MARTINEZ, Paulo Henrique. **História Ambiental no Brasil: Pesquisa e ensino**. SP: Editora Cortez, 2006.

⁷ DUARTE, Regina Horta. **História e Natureza**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

⁸ PÁDUA, *op. cit.*, p. 91.

⁹ PÁDUA, *ibidem.*, 2010, p. 81.

¹⁰ PÁDUA, *ibidem.*, 2010, p. 83; PÁDUA José Augusto. *A construção de um país tropical: uma apresentação da historiografia ambiental sobre o Brasil*, 2020, p. 1335.

como a "questão ambiental" decorrente da relação dos humanos com o ambiente natural nas últimas décadas colocou "um problema radical e inescapável para a continuidade da vida humana" devido a "grande transformação urbano-industrial que ganhou uma escala sem precedentes a partir dos séculos XIX e XX"¹¹ em todo o Planeta.

Portanto, incluir os sistemas naturais, ou a natureza, na pesquisa e na reflexão histórica exigiria "extrair ecologia"¹² dos documentos do passado mas entendendo "cada época no seu contexto geográfico, social, tecnológico e cultural"¹³. No caso de nosso estudo, seria pesquisar e refletir sobre o processo histórico na transição do século XIX para o XX, tendo a construção dos Molhes da Barra da cidade do Rio Grande como transformação da natureza ou o meio ambiente físico nas narrativas em conflito na época.

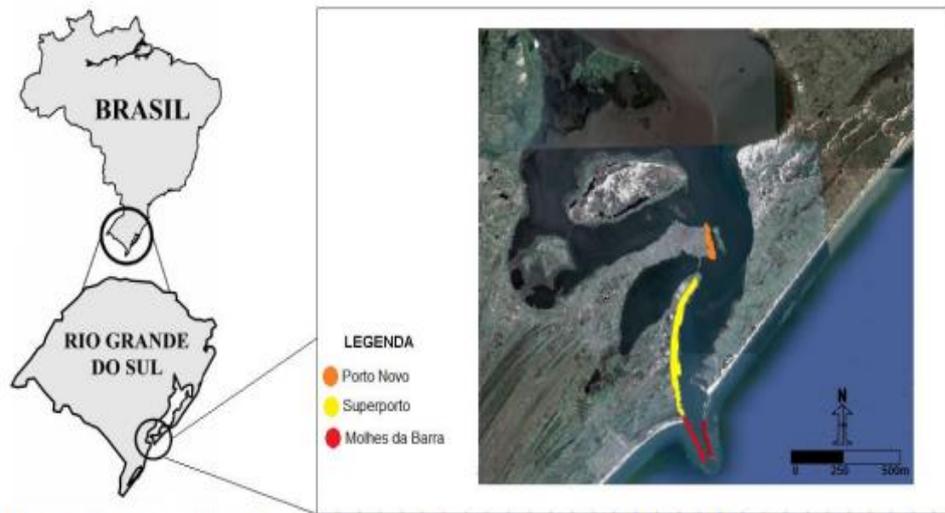


Figura 1: Mapa de localização da área de estudo, identificando o Porto do Rio Grande e os Molhes da Barra. (Foto Aerofotogramétrica (2009), cedida por José Antiqueira e adaptado pela autora).

Figura 1: localização do objeto de estudo.

Fonte: Oliveira, 2014, p.14¹⁴.

A natureza conforme Raymond Williams¹⁵ é, talvez, "a palavra mais complexa da língua", da qual se pode "distinguir três campos de significado: 1) a qualidade e o caráter essenciais de algo; 2) a força inerente que dirige o mundo ou os seres humanos, ou ambos; 3) o

¹¹ PÁDUA, *op. cit.*, 2010, p. 83.

¹² PÁDUA, *op. cit.*, 2010, p. 96.

¹³ PÁDUA, *idem*.

¹⁴ OLIVEIRA, Débora Bondan de. **DRAGAGENS NO PORTO DO RIO GRANDE: UM ESTUDO SOBRE OS IMPACTOS E CONFLITOS DE USO**, Rio Grande: Pós-Graduação Geografia/FURG, Rio Grande, 2014.

¹⁵ WILLIAMS, Raymond. **PALAVRAS-CHAVES**. São Paulo: Boitempo, 2007.

próprio mundo material, incluídos ou excluídos os seres humanos”¹⁶. Para nossa reflexão, focaremos o sentido dado no item 3, mas incluindo a relação dos seres humanos com o mundo material refletindo sobre tal relação (e interações) e consequências através da história ambiental. Partiremos das necessidades concretas¹⁷ dos seres humanos, na época da construção dos Molhes da Barra da cidade do Rio Grande, expressa nos problemas sociais e econômicos indicados pelos conflitos do emergente movimento operário no contexto da obra que visava resolver problemas de escoamento da produção pecuária e agrícola conectada aos interesses comerciais das elites na época. Então, desde e a partir deste estudo local - na cidade do Rio Grande, de seu Porto, de sua ampliação de calado via dragagem e, principalmente, dos Molhes da Barra - nos inícios do século XX¹⁸, foi a ponta de lança do desenvolvimento urbano-industrial no extremo sul do Brasil e, que, é parte de um processo mais amplo que nos está levando à catástrofe no XXI. Mas, ao mesmo tempo, um estudo local que se conecta ao percurso da humanidade no Planeta, que nos últimos 200 anos nos levou e/ou levamos ao Antropoceno¹⁹. Então, incluir a natureza como parte da reflexão histórica e dos conflitos ambientais será o mote da pesquisa desde os fundamentos da educação ambiental.²⁰

O estudo da obra em sua relação com o ambiente natural na/da cidade do Rio Grande, decorre, também, da importância estratégica do canal que liga a lagoa dos Patos, no Rio Grande do Sul ao mar, do ponto de vista militar, econômico e no transporte desde a fundação da cidade, em 1737²¹. No entanto, foi na virada do século XIX para o XX que, com a construção dos Molhes da Barra, “floresceu” o comércio e as indústrias na cidade e região que, junto com os

¹⁶ *Ibidem*, p. 293.

¹⁷ Como necessidades materiais e concretas nos referimos àquelas indicadas pelos conflitos sociais, urbanos e ambientais por grupos sociais ao ir às ruas exigir solução de problemas causados por outros.

¹⁸ ALVES, Francisco das Neves. **Porto e Barra do Rio Grande**: uma secular aspiração que se tornou realidade (uma introdução ao tema. Porto Alegre: CORAG, 2007.

¹⁹ ALVES, José Eustáquio Diniz. Antropoceno: a Era do colapso ambiental. **CEE-FIOCRUZ**, 2020. Disponível em: <<https://cee.fiocruz.br/?q=node/1106>>. Acesso em: 14 abr. 2022.

²⁰ Aborda os fundamentos históricos, antropológicos, sociológicos, filosóficos, éticos e epistemológicos da Educação Ambiental, considerando que os mesmos são importantes na definição e compreensão das relações entre a natureza e a sociedade e do campo da Educação Ambiental, favorecendo a construção de perspectivas críticas sobre a temática em face da crise sócio-ecológico-ambiental. (Grifo nosso). Disponível em: <<https://ppgea.furg.br/pesquisa/191-linhas-de-pesquisa-2>>. Acesso em: 14/04/2022.

²¹ PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História do Rio Grande do Sul**. 9. ed. Porto Alegre: Martins Livreiro Editora, 2014; ALVES, Francisco das Neves; TORRES, Luiz Henrique. **A Cidade do Rio Grande: uma abordagem histórico-historiográfica**. Rio Grande: Universidade do Rio Grande, 1997; CÉSAR, Guilhermino. **História do Rio Grande do Sul: Período Colonial**. 3. ed. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2002; DACANAL, José Hildebrando; GONZAGA, Sergius (orgs.). **RS: Economia e Política**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1979; KÜHN, Fábio. **Breve História do Rio Grande do Sul**. 4. ed. Porto Alegre: Leitura XXI, 2011; MARQUES, Alvarino da Fontoura. **A Economia do Charque: culinária do charque, o charque nas artes**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1992.

militares, constituem as elites da e na cidade em conexão com o desenvolvimento da sociedade urbano-industrial capitalista. Se a revolução industrial, inicialmente, teve sua expansão na Inglaterra a partir do século XVIII, no extremo sul do Brasil isso ocorreu nos últimos anos do século XIX tendo nos molhes e na ampliação do calado do canal a potencialização do projeto urbano-industrial. Portanto, é/foi a relação da modificação, e uso da natureza, a construção dos Molhes da Barra via trabalho humano que transformará a região, e a cidade do Rio Grande, social e ambientalmente.

No entanto, a inclusão da natureza (ou da questão ambiental) como parte deste processo é recente no estudo de vários campos do conhecimento, e decorreu também das condições e problemas vigentes no mundo, como a degradação do nosso meio ambiente, a poluição do ar e da água, a extinção de espécies animais e vegetais, as mudanças climáticas etc., dos últimos 50/60 anos, que provém, portanto, da relação estabelecida pelas sociedades humanas com a natureza nos últimos cinco séculos.

O trabalho apresentará, na parte seguinte, o contexto da emergência da História Ambiental e algumas definições, assim como indicações de como fazer pesquisas neste campo ou a considerar, de forma preliminar, como uma caminhada que se inicia pelos autores em sentido de qualificarem-se neste campo; para, nas conclusões, tecemos algumas conexões com o discutido e possíveis caminhos de pesquisas.

Contexto e a emergência da História Ambiental

Nos últimos cinquenta anos, de acordo com Martinez²², têm ocorrido mudanças nas relações sociais, na relação entre a sociedade humana e o mundo natural, das quais configurou-se a emergência da natureza ou do meio ambiente como questão candente. A contaminação da água, solo e ar, doenças desconhecidas, alterações climáticas, ameaças às espécies tornaram-se problemas crescentes e seus efeitos sobre os seres humanos e aos demais seres vivos exigem problematização. O acúmulo de capital – e de riqueza na mão de poucos – deu um grande impulso em escala mundial a um desenvolvimento técnico e científico, tanto dos meios de transporte como de comunicação, notados a partir das décadas de 1960-1970²³, gerando, de outro lado, desigualdade, exploração humana e destruição ambiental também em escala mundial. Na frenética busca de acumulação de capital e lucro, grandes corporações e governos que a elas se subordinam acabam por tornar a exploração do meio ambiente mais intensa e

²² *Op.cit.*

²³ *Ibidem.*

predatória, fazendo com que a degradação ambiental afete os seres que a habitam, principalmente nos chamados países periféricos do capitalismo, mas também, a própria natureza, como os ecossistemas naturais como a Amazônia, o Pantanal, o Pampa, no Brasil.

Segundo Pádua²⁴, a emergência de um “ambientalismo complexo e multissetorial” a partir dos anos 1970, com grande perfil na cena pública global, representou um dos fenômenos sociológicos mais importantes da história contemporânea. Sendo considerado um movimento histórico, mais do que social, e repercutindo em diferentes áreas do saber, desafiando os historiadores que “responderam” aos clamores ambientais, tendo a “voz das ruas” expressa na formalização da História Ambiental. Os historiadores foram desafiados pela realidade mas também no interior do seu campo de conhecimento, especialmente por mudanças epistemológicas que se consolidaram no século XX, mas em gestação nos séculos antecedentes, decorrente: 1) da ideia de que a ação humana pode produzir um impacto substancial no mundo natural gerando sua degradação; 2) a revolução nos marcos cronológicos de compreensão do mundo; e 3) a visão de natureza como história, sendo um processo de construção e reconstrução no decorrer do tempo. Como coloca Duarte, ao longo das últimas décadas

uma inquieta escatologia ecológica se configurou em meio à manifestação de graves problemas que, somados, colocam em risco efetivo a vida na Terra: a chuva ácida; a constatação do desaparecimento quase total de florestas tropicais de valor incomensurável (como a Mata Atlântica); a expansão da desertificação; a depleção da camada de ozônio; a trágica e galopante extinção de milhões de espécimes da fauna e da flora; a poluição dos mares; o aquecimento global e o acirramento de fenômenos climáticos, como tempestades, furacões e secas; a contaminação de nossos corpos e de muitos seres da cadeia alimentar de forma indelével por substâncias como mercúrio, agrotóxicos ou elementos radioativos. Enfim, eventos ligados à questão ambiental contemporânea pressagiam a possibilidade de um apocalipse sem redenção, no qual o desequilíbrio definitivo das condições de vida no planeta sepultaria de vez qualquer esperança.²⁵

No caso dos EUA, foi também da degradação ambiental, nas décadas de 1960 e 1970, que emergiu um “ecologismo” radical, mas através de um ambientalismo sem o humano e de uma natureza intocada²⁶. Este traço de preocupação está presente em obras de autores da História Ambiental estadunidense, como Frederick Turner, Alfred W. Crosby, Warren Dean e de Worster, mas com o realce do ser humano ser parte integrante do mundo natural e, disso, a aproximação do trabalho do historiador com o campo das ciências naturais²⁷ na superação da dicotomia entre sociedade x natureza.

²⁴ PÁDUA, *op. cit.*, 2010, p. 81-82.

²⁵ DUARTE, *op. cit.*, 2013, p. 6-7.

²⁶ DIEGUES, Antonio Carlos. **O mito moderno da natureza intocada**. SP: HUCITEC/NUPAUB/CEC, 2004.

²⁷ *Op.cit.*

A história ambiental surgiu, portanto, destas conexões entre o mundo natural e suas relações sociais e econômicas, a partir dos problemas ambientais concretos observados, principalmente na década de 1970, por parte dos historiadores e biólogos norte-americanos, de diferentes temas e especialidades, fazendo aquela ligação e assentando as bases iniciais desse campo do conhecimento. Nos EUA tal grupo criou uma associação profissional – *American Society for Environmental History* – e também um periódico no ano de 1976, chamado *Environmental Review*²⁸. Nota-se que é nos Estados Unidos da América em que ocorreu com mais rapidez a apropriação e exploração de recursos naturais, como também a degradação do ambiente natural²⁹. Assim, o fato de historiadores terem direcionado suas investigações ao relacionarem o ambiente social ao ambiente natural criando um “novo ramo” de estudos, evidencia que a produção do conhecimento histórico faz-se em concomitância com seu próprio tempo³⁰ e de que o historiador não está isolado do seu tempo e contexto, com questionamentos e problematizações do presente³¹.

A História Ambiental

Também para Worster, conforme Drummond³², condições extra-científicas, como os movimentos sociais ambientalistas e crises ambientais localizadas, desafiaram as ciências sociais de fins do século XX a incluir tais questões em suas reflexões, ou seja, de incluir nas relações, através dos tempos entre grupos e classes sociais, também o meio ambiente e a natureza. Assim, foi a partir dos anos 1970 que, diante destas questões globais, se fez – por parte de alguns historiadores – uma reavaliação e reforma cultural em âmbito mundial: aprofundar a compreensão de como os humanos foram afetados pelo seu ambiente e, ao contrário, como este ambiente os afetou.

Drummond³³ destaca que um precedente importante para os historiadores ambientais estadunidenses foram os estudos da chamada “conquista do oeste” ou da “fronteira” dos EUA, uma vez que milhões de europeus ocuparam agricolamente, em pouco tempo, terras usadas milenarmente por populações nativas. Estudos históricos desses processos conectados com o

²⁸ DRUMMOND, *op. cit.*, 1991.

²⁹ No Rio Grande do Sul, desde 2013, um grupo de professores, historiadores, acadêmicos e alunos/a vem pesquisando e refletindo sobre a história ambiental, realizando eventos e cursos, de fontes e de temas do campo: <<http://gthistoriaambiental.blogspot.com/search?updated-max=2013-03-17T15:01:00-07:00&max-results=7&start=35&by-date=false>>. Acesso 13/04/2022.

³⁰ DUARTE, *op. cit.*, 2005, p. 31.

³¹ PÁDUA, *op. cit.*, 2010, p. 81.

³² *Op.cit.*

³³ *Op.cit.*

estudo da transformação da natureza (de sua apropriação e transformação) na compreensão desse desenvolvimento, da exploração da natureza e a modificação da biodiversidade ampliou a compreensão dos processos históricos a partir de então.

Em seus primórdios, o debate no campo teve na relação entre desenvolvimento econômico e as condições ambientais do planeta originadas pela Conferência das Nações Unidas sobre o Ambiente Humano, no ano de 1972, em Estocolmo, Suécia,³⁴ seu mote. Contudo, tal reunião internacional sobre o meio ambiente expôs a degradação provocada pela industrialização, pelo consumo que aumentava, pela poluição do solo e águas e também pela ocupação sem limites de espaços do Planeta tornando o tema muito pertinente.

De acordo com Drummond³⁵, a História ambiental, conforme praticada na época em países como EUA, França e Inglaterra, surgiu de um projeto de reforma de alguns historiadores e da pressão para ajustar o tempo geológico e o social.

Precisa ficar claro que pensar sobre a relação entre o tempo “tempo geológico” e o “tempo social”, combinar a história natural com a história social, colocar a sociedade na natureza, enfim – implica necessariamente *atribuir aos componentes naturais ‘objetivos’ a capacidade de condicionar significativamente a sociedade*”. [...] Trata-se de uma mudança séria de paradigma nas ciências sociais. Significa que o cientista social dá às “forças da natureza” um estatuto de agente condicionador ou modificador da cultura.³⁶

O autor significa a história ambiental a partir do fenômeno “tempo”, um dos fatores determinantes numa análise histórica e da ciência histórica. Diz ele que, durante muito tempo, as ciências sociais tiveram uma noção de tempo arraigado no Velho Testamento, vislumbrando um prazo de criação do mundo em seis milênios. No entanto, o tempo de existência humana está contido, tanto num tempo longo da história da sociedade na qual ele se insere quando nasce, como no tempo mais amplo (tempo geológico e cósmico, com medidas de tempo em milhões e não milhares conforme o Velho Testamento).

Todavia, no século XIX, as ciências naturais e científicas começaram a requerer outras formas de medir o tempo, como aquele do tempo da produção, da indústria, da mercadoria³⁷ que, com a emergência da modernidade capitalista, os humanos foram colocados no centro do mundo suplantando o teocentrismo na Europa. A expansão colonial via “descobertas” (ou invasões!) pelas navegações seguiu através da expansão do capitalismo no sistema-mundo.³⁸

³⁴ MEADOWS, Dennis L., et. all. **Limites do crescimento**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1972.

³⁵ *Op. cit.*

³⁶ *Ibidem.*, p. 181.

³⁷ Aníbal Quijano (1991) argumenta que foi a emergência do capitalismo, das fábricas, do trabalho assalariado que fez com que o tempo dos relógios, cronometrado, controlado assumisse seu impacto que persiste até hoje.

³⁸ WALLERSTEIN, Immanuel. Análise dos sistemas mundiais. In: GIDDENS, Anthony; TURNER, Jonathan (Org.). **Teoria social Hoje**. São Paulo: Ed. UNESP, 1999.

Para Worster³⁹, a disciplina de História, anteriormente, tinha como tarefa o estudo da política e do Estado nacional, geralmente destacando personalidades políticas, “grandes homens”, líderes políticos, dentro de um quadripartismo - Antiguidade, Medievo, Modernidade e Contemporaneidade - do Ocidente, não considerando outros períodos e espaços como América pré-colonização e seus povos originários. Worster diz que os profissionais da História começaram a perder a certeza que o passado tivesse sido completamente controlado por um punhado de homens, e começaram a ir mais a fundo, incluindo as camadas mais baixas, depois as classes, raças e os gêneros humanos que aquela história ocultava. E, agora, diz ele, “chega um novo grupo de reformadores, os historiadores ambientais, que insistem em dizer que devemos ir ainda mais fundo, até encontrarmos a própria terra, entendida como um agente e uma presença na história”.

A história ambiental é, em resumo, parte de um esforço revisionista para tornar a disciplina da história muito mais inclusiva nas suas narrativas do que ela tem tradicionalmente sido. Acima de tudo, a história ambiental rejeita a premissa convencional de que a experiência humana se desenvolveu sem restrições naturais, de que os humanos são uma espécie distinta e “super-natural”, de que as consequências ecológicas de seus feitos passados podem ser ignorados. [...] Em termos bem simples, portanto, a história ambiental trata do papel e do lugar da natureza na vida humana.⁴⁰

Para Duarte⁴¹, a história ambiental apresenta-se como uma narrativa poderosa, pois instrumentaliza e equipa o historiador para participar ativamente de um dos mais decisivos debates de nosso tempo: a questão ambiental. Isto porque, diariamente, essa questão se apresenta através da saúde ou da doença, da abundância ou escassez, da justiça e da injustiça relacionados às condições ambientais, como a temperatura, o ar, a água, alimentos, entre outros.

Já para Martinez, o significado deste campo é a busca em compreender a relação existente entre sociedade e natureza:

[...] Trata-se, fundamentalmente, de reconstituir e de explicar as formas de extração, utilização e de regulamentação do uso dos produtos naturais, incluindo, além disso, as representações simbólicas dos elementos naturais na vida humana. [...] Uma das peculiaridades mais destacadas da História Ambiental seria, assim, o exame das relações entre os seres humanos e, dentro e a partir delas, a análise das relações que se estabelecem com o mundo natural. [...] [Neste sentido] a História Ambiental é uma abordagem das questões ambientais no tempo e que encontra no meio ambiente o seu objetivo de investigação.⁴²

Destacamos, a partir de Martinez, o foco do estudo no campo é “o exame das relações entre os seres humanos e as relações que os humanos estabelecem com o mundo natural⁴³”. Diz

³⁹ *Op.cit.*

⁴⁰ *Op.cit.*

⁴¹ DUARTE, *op. cit.*, 2013, p. 9-10.

⁴² *Op.cit.*, p. 19-20.

⁴³ *Id.*, p. 20.

ainda que a perspectiva relacional já estava presente em algumas obras de Marx e Engels no século XIX ao abordar as relações que os seres humanos estabelecem com a produção econômica e social, apesar do foco não ser o tema ambiental. Contudo, ressalta que foi a partir da década de 1970 que a perspectiva relacional derivou em diálogos, por parte da disciplina de História com a Antropologia, a Sociologia, entre outras, juntamente a outro reforço que veio das ciências biológicas, isto é, a Ecologia, pois a abordagem desta leva em conta o estudo das “relações” entre organismos e entre estes e o ambiente abiótico.

Características e estudos em História Ambiental

Nesta parte do artigo, abordaremos algumas questões acerca deste campo historiográfico e suas particularidades em sua forma de trabalho e suas análises metodológicas. José Augusto Drummond⁴⁴ aponta cinco características metodológicas e analíticas da História Ambiental, as quais detalhamos abaixo:

A primeira é de que a maioria das análises foca em regiões com alguma identidade homogênea natural em seu território, podendo ser: um trecho de terras florestadas, uma ilha, um litoral, o vale de um rio, etc. Nesses casos, a história do meio ambiente tem uma proximidade com a história natural; por vezes faz-se um recorte cultural e político da região do estudo, sem esquecer, no entanto, suas particularidades físicas e ecológicas, como, por exemplo: um parque nacional, as terras de povos nativos invadidas por imigrantes, entre outros. Aqui, também, a história ambiental poderia se ligar à história regional, quando relaciona os processos sociais com os naturais em determinadas regiões.

A segunda característica seria a de diálogo deste campo historiográfico com as ciências naturais, inclusive aplicadas, fundamentais ao entendimento dos quadros físicos e ecológicos das regiões a serem estudadas. Estudos, textos, informações, entre outros, de geologia, geomorfologia, agronomia, engenharia, florestal, de minas, meteorologia, climatologia, biologia animal e vegetal e, principalmente, a ecologia (ciência que estuda a relação dos seres vivos e entre eles e o meio ambiente) seriam fontes de dados e informações a serem utilizados. Todavia, a partir disso, o objetivo seria compreender o “funcionamento” dos ecossistemas em sua relação com o da sociedade humana e das alterações daquele por esta através dos tempos. Portanto, a necessidade e disposição, conforme Duarte⁴⁵, dos historiadores ambientais de

⁴⁴ DRUMMOND, José Augusto. A História Ambiental: temas, fontes e linhas de pesquisa. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 4, n. 8, p. 177-197, 1991.

⁴⁵ DUARTE, *op. cit.*, 2005, p. 33.

dialogar com outras ciências, como a geologia, clima, biologia, entre outras áreas da ciência natural. No entanto, não se trata, como diz Pádua⁴⁶, de reduzir a análise histórica ao biofísico, mas incorporá-lo às dimensões culturais, econômicas, políticas na busca de uma abordagem mais ampla e inclusiva da investigação na história.

A terceira característica seria a exploração das interações entre os quadros de recursos úteis e inúteis, como também os diferentes estilos civilizatórios das sociedades humanas, para os quais os “recursos” disponíveis nos territórios fazem parte ou aportam à sociedade aí existente, que as explora, usa e abusa. As ciências sociais, como a antropologia, a geografia e a sociologia, já identificaram na história das civilizações conceitos e aspectos úteis para o estudo da cultura na utilização de recursos naturais. No entanto, os “recursos” não existem por si só, são os humanos que lhes atribuem significado.

A quarta característica é referente às fontes e sua grande variedade para o estudo das relações entre as sociedades e seu meio ambiente. A história econômica e social (censos populacionais, econômicos e sanitários; inventários de recursos naturais; leis; imprensa e documentos governamentais; atas judiciárias; legislativas; crônicas) podem ser úteis desde que lidos “ecologicamente”; já estudos de povos que têm tradição oral e não escrita podem ser utilizados: mitos e lendas, registrados por antropólogos ou viajantes, ou também coletados diretamente em trabalho de campo, ou de relatos de exploradores, naturalistas europeus e viajantes que percorreram quase todos os quadrantes do mundo a partir do século XV⁴⁷. Por fim, testamentos, as descrições de roupas, dietas, mobiliário, ferramentas e técnicas, estudos sobre doenças, projetos de obras (estradas, portos), romances, desenhos, pinturas, etc., podem ser úteis para se identificar a natureza/meio ambiente/bens naturais usados, transformados e/ou valorados numa dada sociedade.

A quinta característica seria viajar aos locais estudados, utilizando de suas observações pessoais sobre clima, flora e paisagens, assim como sobre as marcas urbanas e rurais que o ser humano imprime na paisagem. Neste item, ainda se pode utilizar fontes locais, como entrevistar moradores antigos, consultar arquivos e cientistas da região. Trata-se de ler a história na paisagem, da observação de plantas, ou ausências destas; pela combinação de espécies, ou pela disposição destas em um terreno; pode-se identificar plantas ornamentais ou exóticas (nativas de outras regiões) introduzidas no local. Também outros sinais, como, por exemplo, a ação

⁴⁶ PÁDUA, *op. cit.*, 2010, p. 94.

⁴⁷ Um exemplo, conforme aponta Drummond. Pero Vaz de Caminha, em carta que descreve suas curtas incursões ao rei de Portugal, noticiou que se plantando tudo daria nas terras do Brasil. Credo no relato de Caminha poderíamos supor que haveria no sul da Bahia vasta civilização agrícola, inexistente na época.

humana ou de atividade humana numa encosta nua, que poderia ter sido antes uma mata ou plantação comercial, segundo algum documento local da época; ou, no nosso caso, de como era a área aterrada e modificada em decorrência dos Molhes da Barra construída na cidade do Rio Grande, e como ficou depois.

Em complemento, e em outros aspectos dos estudos, Donald Worster⁴⁸ diz que existem três níveis ou conjunto de questões a serem enfrentados que este campo busca responder, tendo cada um exigindo contribuições de outras disciplinas e métodos especiais de análise.

O primeiro nível parte do entendimento da natureza propriamente dita, da forma como se organizou e funcionou no passado, sendo incluídos aspectos orgânicos e inorgânicos da natureza, incluindo também o humano. Este último é entendido como uma conexão nas cadeias alimentares naturais, atuando tanto como “útero”, como devorador, como estômago, como devorado, como hospedeiro e, também, como espécie de parasita.

O segundo nível introduz o domínio socioeconômico, na medida em que tal aspecto interage com o meio ambiente. Neste caso, preocupa-se em identificar as formas e tipos de trabalho, ferramentas, relações sociais que surgem do trabalho, as diversas formas societárias de produzir bens a partir dos recursos naturais, assim como os recursos que são usados, explorados, valorizados. Um exemplo citado pelo autor – uma comunidade organizada para pescar no mar – pode ter instituições, papéis de gênero, ou ritmos sazonais diferentes dos de uma comunidade dedicada a criar ovelhas em pastagens em montanhas altas. O poder em uma sociedade de tomar decisões, que podem afetar o meio natural, raramente é distribuído de forma igual, de modo que descobrir tais relações de poder faz parte deste nível de análise.

O terceiro nível de análise é aquele da interação exclusivamente humana, unicamente mental e intelectual, na qual percepções, valores, mitos, leis e outras estruturas cognitivas de percepção tornam-se parte da comunicação e da relação de um indivíduo ou grupo com a natureza. As pessoas preocupam-se, constantemente, em criar conceitos e mapas do mundo a sua volta, em definir o que é um recurso natural, em estabelecer quais comportamentos podem ou não afetar o meio ambiente e devem ser proibidos. Contribui, nesse sentido, o apontamento de Pádua⁴⁹ sobre o comportamento social dos seres humanos em relação ao mundo natural, como a estruturação econômica da vida coletiva, perpassados por visões da natureza e dos significados da vida humana.

⁴⁸ *Op.cit.*

⁴⁹ PÁDUA, *op. cit.*, 2010, p. 95.

Para Worster⁵⁰, embora se possa distinguir estes três níveis [ou aspectos] no e do estudo ambiental, eles fazem parte de uma explicação única e dinâmica, na qual a natureza, a organização societária, econômica e ideias e vontades são tratados com um só corpo. E esse corpo muda conforme as mudanças na natureza e nas pessoas, num diálogo que atravessa o passado e chega até o presente.

Paulo Henrique Martinez⁵¹ aponta outros aspectos do fazer histórico ambiental e do entendimento histórico das relações entre as sociedades humanas e o meio ambiente, como, por exemplo, a exigência social crescente acerca dos usos dos recursos naturais devido às práticas cada vez mais insustentáveis da utilização destes recursos. Nesse caso, é preciso nos atentarmos para as continuidades e mudanças nas formas como as sociedades atuam no mundo natural, para atender necessidades biológicas e sociais no decorrer do longo tempo. Para tanto, é preciso, em primeiro lugar, atentar-se para os fenômenos de longa duração. A persistência e transformação lenta, tanto das estruturas, como das relações sociais, são quase imperceptíveis no tempo curto, pois existe uma milenar exploração dos recursos naturais por sociedades humanas em diferentes espaços do planeta.

Alguns exemplos desse uso são: aproveitamentos dos solos, oceanos, madeira, água, rochas, fauna, como animais de caça, flora, como frutas, folhas e plantas empregadas na alimentação e na medicina, em atividades cotidianas ou religiosas. Os usos mais recorrentes e mais significativos dos recursos naturais estão diante da prática da agricultura e da domesticação de animais. Essas diferentes formas de relacionamento com a natureza, necessárias para a manutenção da vida humana, são acompanhadas por diferentes maneiras de sentir e pensar o meio ambiente. Tanto a agricultura quanto a pecuária constituem duas formas das mais antigas de relacionamento entre sociedades e natureza e seus recursos. Tais questões, ou percepções, devem ser consideradas.

Martinez⁵² também aponta que deve-se compreender que importantes recursos naturais utilizados no passado, hoje, não têm a mesma procura e a mesma utilização, como, por exemplo, o óleo de baleia, utilizado na iluminação de vias públicas ou domésticas. Novos recursos naturais surgiram, assim como novas possibilidades técnicas, etc. Todavia, destaca que o acesso e controle desses recursos naturais, ao longo do tempo, geraram conflitos sociais no interior de quase todas as comunidades humanas, como já citamos, após a invasão europeia na América

⁵⁰ *Idem.*

⁵¹ *Op.cit.*

⁵² *Idem.*

Latina. A utilização dos recursos da natureza pelos humanos tem uma longa trajetória histórica, na qual alguns permanecem sendo utilizados, sob novas formas, como madeira e terra, enquanto outros são continuamente substituídos, como no caso de fontes de energia e matérias primas. Na América Portuguesa, os efeitos colonizatórios imprimiram formas singulares de relacionamento entre grupos humanos e a natureza, como, por exemplo, o que ocorreu no Nordeste através da exploração intensiva da terra para agricultura e criação de gado para exportação, gerando a erosão da terra, secas na maioria dos anos e uma “adaptação” forçada das pessoas que aí vivem para com sua subsistência que se torna cada vez mais difícil.

Outro destaque, ressaltamos, seria partir de problemas concretos da realidade brasileira, como a desigualdade social, a pobreza, a fome, a discriminação e a degradação ambiental, para compreensão histórica, dado que no capitalismo tudo se torna mercadoria, principalmente a força de trabalho humana e os recursos explorados e transformados na natureza. Em outras palavras, tudo deve virar fonte de lucro e não um direito. O estudo da história ambiental poderia partir de problemas atuais – do local, da região ou da cidade sobre o tema do estudo – para buscar no passado suas raízes, origens, etc.⁵³ O estudo pode se utilizar de livros, relatos, visões de viajantes ou de políticas, entre outros; manifestações de trabalhadores e da população sobre problemas ou coletar dados e informações estatísticas sobre fome, miséria, desemprego, exclusão, entre outros, da época ou momento histórico, para se construir, a partir de diferentes informações, a relação da sociedade (diversa e em conflito⁵⁴) com a natureza e o meio ambiente.

Neste sentido, por exemplo, Sérgio Buarque de Holanda observou que as relações com a natureza no Brasil foram marcadas por uma conduta de geração de riqueza que custa ousadia, e não riqueza que custa trabalho, e Caio Prado Júnior sublinhou como traço permanente nas atividades econômicas, do período colonial até o século XX, um caráter predatório do aproveitamento das riquezas da terra, etc.⁵⁵ Disso, Paulo Martinez⁵⁶ afirma que a análise dessas obras clássicas e outras de nossa historiografia (como também documentos antigos), por uma perspectiva de caráter ambiental – atentando para as formas de uso e exploração da natureza no

⁵³ No caso de nosso estudo, por exemplo: a importância dos molhes, da dragagem, etc., para o Porto, problemas e controvérsias, valores, interesses em conexão a identificação da natureza como parte desta totalidade.

⁵⁴ Isto porque, as visões/interpretações são e serão diversas já que a relação dos grupos sociais/das classes em si e para si serão diferentes: assim como os benefícios e malefícios da transformação e impactos na natureza sobre os diferentes grupos sociais serão diferentes.

⁵⁵ Os autores não tratam diretamente da natureza ou do meio ambiente, mas seus relatos, escritos, etc. incluem informações sobre tais temas e das quais podemos partir para fazer as relações no campo da história ambiental ampliando com outros dados e informações, e até a busca de informações primárias em outros documentos a partir das pistas destes historiadores.

⁵⁶ *Op.cit.*, p.68.

tempo e espaço –, podem ser revisitadas e gerarem contribuições desde a perspectiva da História Ambiental.

A História Ambiental no Brasil brota no seio de uma disciplina já bastante consolidada, a História, mas, sobretudo da História Econômica e do pensamento social dos chamados “intérpretes do Brasil”. Encontra sólido amparo, ainda, na Geografia Histórica, na História Regional, nos estudos de etnologia e nas análises empreendidas pelo Materialismo Histórico sobre as estruturas econômicas e sociais brasileiras.⁵⁷

Contudo, o autor frisa que não podemos nos esquecer de considerar que tal exploração da natureza, até fins do século XIX (1888), ocorria via a exploração do trabalho de indígenas e africanos escravizados, de libertos e mestiços, brancos pobres livres acompanhadas de violência, tortura, humilhação, entre outros.⁵⁸ Para finalizar, diz⁵⁹ que o ambiente não é um objeto de estudo exclusivo da História apenas, mas, sim, um objeto interdisciplinar, e, devido a suas características físicas e biológicas, etc., o historiador/a deverá desenvolver a capacidade de dialogar com outras áreas, de utilizar-se de estudos, dados e informações de outros campos e saberes que possam ajudar na/para sua análise e interpretação. Por exemplo, o diálogo com áreas das ciências naturais nos possibilitará dados, informações e, talvez, instrumentos na compreensão de um determinado ambiente antes e depois da ação humana, do ecossistema ou ecossistemas, e de como estes foram afetados pelo ser humano ou pelo seu próprio mecanismo de funcionamento natural⁶⁰.

A História Ambiental e a pesquisa sobre Os Molhes Da Barra/Cidade Do Rio Grande – RS

A historiografia possibilita um primeiro passo na caminhada dos estudos da história ambiental ao identificar indícios e/ou informações sobre uma região, lugar e/ou tema num determinado período histórico buscando nela elementos da natureza ou do ambiente natural. A corrente historiográfica dos *Annales*, de origem francesa, fundada por dois professores da Universidade de Strasbourg, Marc Bloch e Lucien Febvre, em 1929, mas também de Fernand Braudel, são exemplos pioneiros neste sentido. Isso porque incluiu o tempo histórico de longa duração, do uso de fontes diversas, de momentos vividos por seres humanos em sua relação com a natureza nos estudos e pesquisas que realiza.

⁵⁷ *Op.cit.*, p. 48-49.

⁵⁸ Situação que não se alterou no século seguinte com o trabalho assalariado na cidade do Rio Grande.

⁵⁹ *Op.cit.*

⁶⁰ *Op.cit.*

Segundo aponta Worster, autores como Bloch⁶¹ e Febvre⁶² estavam interessados nos fundamentos ambientais da sociedade, nos quais o primeiro tinha interesse na vida rural da França, e o segundo em textos de geografia social. Já Fernand Braudel, com sua imensa obra sobre o Mediterrâneo⁶³, fez do ambiente uma característica predominante em seus estudos. Para ele, as formas da terra – como mares, planícies, montanhas – com uma temporalidade diferente da dos humanos (de longa duração) e num ritmo diferente da sociedade humana se impõem (e agem!) na moldagem da vida dos seres humanos num determinado lugar, região, sociedade.

Por exemplo, conforme Worster⁶⁴:

De fato, boa parte do material da história ambiental está disponível há gerações, talvez há séculos, e agora está sendo apenas reorganizado à luz das experiências recentes. Esse material inclui dados sobre marés e ventos, correntes oceânicas, posição dos continentes em relação uns aos outros, forças geológicas e hidrológicas que criaram as nossas bases terrestres e aquáticas. Inclui também a história do clima e das condições meteorológicas, e em que medida eles possibilitaram colheitas boas ou ruins, empurraram os preços para cima ou para baixo, puseram fim ou iniciaram epidemias, contribuíram para o crescimento ou a diminuição da população.

Contudo, diríamos que a conexão destas informações e sua articulação com o contexto social e/ou sua influência ou relação deverá ser feita pelo historiador ambiental. Na cidade do Rio Grande, a obra de Solismar Martins⁶⁵, chamada *Cidade do Rio Grande: industrialização e urbanidade (1873-1990)* foi escrita por um geógrafo, mas apresenta inúmeras contribuições para nos apoiarmos em nossa pesquisa na perspectiva da história ambiental. Desse livro, podemos perceber e identificar elementos da relação do ser humano e ambiente e, também, da transformação do meio ambiente pelo processo de industrialização da cidade (em dois períodos, de 1873 a 1960 e de 1970 a 1990). O primeiro período, desde 1875, do auge das discussões, até a realização das obras dos Molhes da Barra, será o foco de nosso estudo. Da pesquisa preliminar, ainda relacionamos obras de historiadores da cidade⁶⁶, de jornalistas, como Klécio Santos, que

⁶¹ BLOCH, Marc. **French Rural History: an essay on its basic characteristics**. London: Routledge & Kegan Paul, 1966.

⁶² FEBVRE, Lucien. **A geographical introduction to history**. London: Kegan Paul, Trench, Trubner, 1932. Referência achada no artigo *Para Fazer História Ambiental* (1991) de Donald Worster.

⁶³ BRAUDEL, Fernand. *The Mediterranean and the Mediterranean world in the age of Philip II* (New York, Harper & Row, 1972). Citado no artigo *Para Fazer História Ambiental* (1991) de Donald Worster.

⁶⁴ *Op.cit.*

⁶⁵ MARTINS, Solismar Fraga. **Cidade do Rio Grande: industrialização e urbanidade (1873-1990)**. Rio Grande: Editora da FURG, 2004.

⁶⁶ ALVES, Francisco Neves; TORRES, Luiz Henrique (org.). **A cidade do Rio Grande: estudos históricos**. Rio Grande/FURG: PMRG/SMEC, 1995; ALVES, Francisco Neves (Org.). **Cidade do Rio Grande: ensaios históricos**. Rio Grande: Editora FURG, 2002; ALVES, Francisco Neves. **Porto e Barra do Rio Grande: uma secular aspiração que se tornou realidade (uma introdução ao tema)**. POA: CORAG, 2007; ALVES, Francisco Neves. **Porto e Barra do Rio Grande: história, memória e cultura portuária**. POA, CORAG, 2008; TORRES, Luiz Henrique. **História do Município do Rio Grande: Fundamentos**. Rio Grande: Pluscom, 2015.

produziu um livro sobre o processo de construção dos Molhes da Barra do Rio Grande e as consequências na vida dos trabalhadores. Deste, encontramos fontes para estudos, bibliografias e documentação relativas ao período do estudo na cidade entre 1875-1922; assim, como periódicos da época serão ponto de partida à pesquisa⁶⁷.

Da leitura das obras já realizadas, é possível achar uma citação, ou comentário breve, ou alusão a natureza de forma mais destacada, mas também sobre as condições precárias de trabalho, acidentes e até mesmo sobre uma greve em março de 1914 devido às péssimas condições de trabalho⁶⁸. No caso da natureza, ou do sistema natural e sua transformação, a ênfase é na magnitude da obra e sua necessidade ao progresso e ao desenvolvimento da cidade. Ou seja, há um destaque do lado dos empresários e seus interesses particulares, os benefícios ao comércio, à exportação e à importação e, enfim, à superação dos problemas advindos dos riscos de acesso ao Porto da cidade do Rio Grande.

No entanto, nossa pesquisa pretende partir dos conflitos ocorridos por ocasião da construção dos molhes da Barra como indicadores de problemas sociais e urbanos para identificar quem estava se beneficiando e quem está sendo prejudicado; problematizar tais narrativas hegemônicas e suas justificativas, alinhadas, em hipótese, ao positivismo vigente de então e orientador tanto de empresários quanto de governos na cidade e região; e de que a natureza era “algo” a ser dominada e controlada pelos humanos como parte da racionalidade dominante na época. Ressaltamos, portanto, que partimos dos conflitos dos “de baixo⁶⁹”, ou seja, dos trabalhadores, operários e demais grupos sociais envolvidos e injustiçados ambientalmente⁷⁰ na construção dessa obra já que muito pouco aparecem nos relatos da história da cidade.

⁶⁷ No livro “**Porto e Barra do Rio Grande: uma secular aspiração que se tornou realidade (uma introdução ao tema)**” (NEVES, 2007), em apêndice do professor Claudio O. I. Nunes (DBH/FURG) indica fontes documentais para o estudo: a Superintendência do Porto do Rio Grande, o acervo Biblioteca Rio-Grandense, o Museu Náutico, o Museu da Cidade do Rio Grande, o Arquivo Municipal e o Centro de Documentação Histórica da Universidade Federal do Rio Grande. Além disso, identificamos documentos na Biblioteca do Campus Carreiros/FURG, como: “Histórico de abertura da Barra do Rio Grande, de João Alberto Vaccari Vassão, março de 1987; o Relatório-Diagnóstico sobre a melhoria e o aprofundamento do acesso pela Barra do Rio Grande, de maio de 1969 (relatório do Departamento Estadual de Portos, Rios e Canais, pela Universidade Federal do RGS – UFRGS); Histórico da Barra do Rio Grande, do engenheiro Antonio Pradel (aos 125 anos de fundação da Câmara de Comércio 26/09/1844 – 26/09/1969); e Rio Grande Industrial (folheto), de fevereiro de 1966.

⁶⁸ SANTOS, Klécio. **Sonhos de Pedra: a história da construção dos molhes, uma das maiores obras da engenharia marítima**. Pelotas: Cabrion, 2021.

⁶⁹ THOMPSON, Edward Palmer. **A Formação da Classe Operária Inglesa**. 4. ed. SP: Paz e Terra, 2012.

⁷⁰ ACSELRAD, Henri; MELLO, Cecilia Campello Amaral; BEZERRA, Gustavo das Neves. **O que é Justiça Ambiental**. 1. ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

Isto porque, se, por um lado, o Porto, o avanço da sociedade urbano-industrial com os Molhes da Barra potencializou a exportação, o comércio e a riqueza das elites, por outro lado, a maioria da população vivia na miséria, na carestia e/ou sendo explorada nos espaços de trabalho pelos capitalistas ao transformarem a natureza em coisas úteis que na que emergia virava mercadoria. Através das demandas ou reivindicações das greves, das manifestações e dos protestos⁷¹ identificamos os problemas vividos e, assim, a desigual apropriação, uso e benefícios da transformação da natureza, no caso, os molhes, do Porto, os resultados do dito “desenvolvimento” que as classes dominantes almejavam ontem, mas também ainda hoje. Obras de historiadores e historiadoras de Porto Alegre e da cidade de Pelotas⁷² identificaram manifestações, protestos, greves, prisões, repressão, organização de trabalhadores na Sociedade União Operária, dentre outras por parte de trabalhadores.

Enfim, pretende-se compreender este processo relacionando-o ao desenvolvimento capitalista (e à industrialização) como transformação da natureza (a construção dos Molhes) em conexão com os problemas e conflitos sociais, urbanos e ambientais no período (1875 a 1922) na cidade do Rio Grande tendo a dialética materialista⁷³ como perspectiva. No núcleo do estudo/pesquisa e sua reflexão estará a relação sociedade-natureza, evidenciada na linha de pesquisa fundamentos da educação ambiental articulada à História Ambiental que utilizarei para explicar a relação entre os humanos e a natureza no período.

Considerações finais

Esperamos que este ensaio reflexivo ajude os leitores a iniciar a caminhada nos estudos de história ambiental, assim como nos orientará em nossa pesquisa e reflexão. Assim, em vista dos argumentos apresentados e frente a uma conjuntura de riscos ambientais iminentes em nosso planeta, como o desmatamento cada vez maior da Amazônia e as mudanças climáticas, nossas caminhadas e estudos poderão ser úteis no campo acadêmico, mas também no espaço cidadão em que necessitamos estar inseridos.

⁷¹ Para tanto nos apoiaremos no seguinte: “Os conflitos são indicadores dos e de problemas ambientais e urbanos que aqueles que os vivem nos territórios fazem vir à cena pública via manifestações, greves, ocupações, rebeliões e outros”, conforme argumentam SANTOS, Caio F.; MACHADO, Carlos RS (org.). **Conflitos ambientais e urbanos: por uma educação para a justiça ambiental**. Florianópolis: Tribo da Ilha, 2021.

⁷² LONER, Beatriz Ana. Operários e participação no início da República: o caso de Pelotas e Rio Grande. **Estudos Ibero-Americanos**, PUCRS, v. XXII, n. 2, dez. 1996; XERRI, Eliane G. Uma incursão às fontes sobre o movimento operário de Rio Grande no início do séc. XX. **Estudos Ibero-Americanos**, PUCRS, v. XXII, n. 2, p. 91-110, dez. 1996; PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz. “**Que a união operária seja nossa pátria!**”: história das lutas dos operários gaúchos para construir suas organizações. POA: Ed. Universidade/UFRGS, 2001.

⁷³ FOLADORI, Guillermo. **Metodología materialista para el análisis social**. Montevideo, Cuadernos de Extensión - nº 2, 2012.

Isto porque identificamos que o existente atualmente, o vivido hoje pelas sociedades no nível planetário foi feito ou é resultado das ações realizadas pelos que viveram no passado em suas relações e interação das sociedades humanas com os sistemas naturais. No caso de nosso estudo, o Porto e os Molhes da cidade ao se configurarem como partes do modelo de desenvolvimento e de exportação industrial e do agronegócio dominante na época, e ainda dominantes na cidade, na região e no país. Portanto, tal pesquisa e suas reflexões desde a história ambiental, como parte da linha de fundamentos da educação ambiental, pode contribuir ao entendimento desse processo histórico e ambiental em nossa pesquisa. Por fim, aponta alternativas de formas relacionais e soluções que sejam menos predatórias e que, de fato, geram equilíbrio na utilização de recursos naturais, para proveito de todos os humanos e não da minoria que se beneficia com a extração exacerbante e com o lucro proveniente desta.

Referências bibliográficas

- ACSELRAD, HENRI et al. **O que é Justiça Ambiental**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.
- ALVES, Francisco das Neves; TORRES, Luiz Henrique (org.). **A cidade do Rio Grande: estudos históricos**. Rio Grande/FURG: PMRG/SMEC, 1995.
- _____. **A Cidade do Rio Grande: uma abordagem histórico-historiográfica**. Rio Grande: Universidade do Rio Grande, 1997.
- _____. **Cidade do Rio Grande: ensaios históricos**. Rio Grande: Editora da FURG, 2002.
- _____. **Porto e Barra do Rio Grande: uma secular aspiração que se tornou realidade (uma introdução ao tema)**. Porto Alegre: CORAG, 2007.
- _____. **Porto e Barra do Rio Grande: história, memória e cultura portuária**. Porto Alegre: CORAG, 2008.
- ALVES, José Eustáquio Diniz. Antropoceno: a Era do colapso ambiental. **CEE-FIOCRUZ**, janeiro de 2020. Disponível em: <<https://cee.fiocruz.br/?q=node/1106>>. Acesso: 14/04/2022.
- BLOCH, Marc. **French Rural History: an essay on its basic characteristics** London: Routledge & Kegan Paul, 1966.
- BRAUDEL, Fernand. **The Mediterranean and the Mediterranean world in the age of Philip II**. New York: Harper & Row, 1972.
- CASTRO, Guillermo. **Para uma História Ambiental Latinoamericana**. Ciudad de La Habana/Cuba: Editorial de Ciencias Sociales, 2004.
- CESAR, Guilhermino. **História do Rio Grande do Sul: Período Colonial**. 3. ed. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2002.
- CIPRIANO, Diego Mendes; MACHADO, Carlos RS. A cidade do Rio Grande e sua natureza na visão de um cronista do século XIX. **REMEA - Revista Eletrônica do Mestrado em**

Educação Ambiental, v. 31, p. 231-251, 2014.

CIPRIANO, Diego Mendes; MACHADO, Carlos RS. O Bairro Getúlio Vargas, a remoção de moradias dos anos 1970 e a produção da desigualdade ambiental em Rio Grande, RS. **Revista CRÍTICA HISTÓRICA**, v. 12, p. 1-20, 2015.

CIPRIANO, Diego Mendes; MACHADO, Carlos RS. Paisagens de uma cidade latino-americana sob a perspectiva de um viajante oitocentista. **REVISTA LATINO-AMERICANA DE HISTÓRIA**, v. 3, p. 204-223, 2014.

DACANAL, José Hildebrando; GONZAGA, Sergius (Orgs.). **RS: Economia e Política**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1979.

DIEGUES, Antonio Carlos. **O MITO MODERNO DA NATUREZA INTOCADA**. São Paulo: HUCITEC/NUPAUB/CEC, 2004.

DRUMMOND, José Augusto. A História Ambiental: temas, fontes e linhas de pesquisa. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 4, n. 8, p. 177-197, 1991.

DUARTE, Regina Horta. **História e Natureza**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

_____. Scheherazade tropical: narrativas e diálogos da história ambiental no Brasil. **História**, São Paulo, v. 32, n. 2, p. 3-20, 2013.

FEBVRE, Lucien. **A geographical introduction to history**. London: Kegan Paul, Trench, Trubner, 1932.

FOLADORI, Guillermo. **Metodología materialista para el análisis social**. Montevideo, Cuadernos de Extensión - n° 2, 2012.

GALVANI, Giovanna. Em 2012, mudanças climáticas tiveram destaque e eventos extremos alarmaram o mundo. **CNN Brasil**, São Paulo, 31 de dez. de 2021. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/em-2021-mudancas-climaticas-tiveram-destaque-e-eventos-extremos-alarmaram-mundo/>>. Acesso em: 04/01/2022.

KÜHN, Fábio. **Breve História do Rio Grande do Sul**. 4. ed. Porto Alegre: Leitura XXI, 2011.

LEFEBVRE, Henri. **Marxismo**. Porto Alegre: L&PM POCKET, 2010.

LONER, Beatriz Ana. Operários e participação no início da República: o caso de Pelotas e Rio Grande. **Estudos Ibero-Americanos**, PUCRS, v. XXII, n. 2, dez. 1996.

MARQUES, Alvarino da Fontoura. **A Economia do Charque: culinária do charque, o charque nas artes**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1992.

MARTINEZ, Paulo Henrique. **História Ambiental no Brasil: pesquisa e ensino**. São Paulo: Editora Cortez, 2006.

MARTINS, Solismar Fraga. **Cidade do Rio Grande: industrialização e urbanidade (1873-1990)**. Rio Grande: Editora da FURG, 2004.

MARX, Karl. **O Capital**. São Paulo: Boitempo, 2011.

MEADOWS, Dennis L., et. all. **Limites do crescimento**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1972.

MODELLI, Laís. Desmatamento: Amazônia perdeu área sete vezes a cidade de São Paulo até novembro. **BBC News Brasil**, São Paulo, 20 de dez. de 2021. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-59736175>>. Acesso em: 04/01/2022.

PÁDUA, José Augusto. **Um Sopro de Destruição: Pensamento político e crítica ambiental no Brasil escravista (1786-1888)**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

_____(org.). **Desenvolvimento, Justiça e Meio Ambiente**. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Peirópolis, 2009.

_____. As Bases Teóricas da História Ambiental. **Estudos Avançados**, vol. 24, n. 68, p. 81-101, 2010.

_____. A construção de um país tropical: uma apresentação da historiografia ambiental sobre o Brasil. **História, Ciências, Saúde**, Rio de Janeiro, v.27, n.4, p.1311-1340, out.-dez. 2020.

PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz. **“Que a união operária seja nossa pátria!”: história das lutas dos operários gaúchos para construir suas organizações**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2001.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina. En libro: La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas Latinoamericanas. Edgardo Lander (comp.) **CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales**, Buenos Aires, Argentina. Julio de 2000. p. 246.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História do Rio Grande do Sul**. 9. ed. Porto Alegre: Martins Livreiro Editora, 2014.

SANTOS, Caio Floriano dos; MACHADO, RS Carlos (Orgs.). **Conflitos ambientais e urbanos: por uma educação para a justiça ambiental**. Florianópolis: Tribo da Ilha, 2021.

SANTOS, Klécio. **Sonhos de Pedra: a história da construção dos molhes, uma das maiores obras da engenharia marítima**. Pelotas: Cabrion, 2020.

TORRES, Luiz Henrique. **História do Município do Rio Grande: fundamentos**. Rio Grande: Pluscom, 2015.

WALLERSTEIN, Immanuel. Análise dos sistemas mundiais. In: GIDDENS, Anthony; TURNER, Jonathan (Orgs.). **Teoria social hoje**. São Paulo: Ed. UNESP, 1999.

WILLIAMS, Raymond. **PALAVRAS-CHAVES**. São Paulo: Boitempo, 2007.

WORSTER, Donald. Para Fazer História Ambiental. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 4, n. 8, p. 198-215, 1991.

XERRI, Eliane G. Uma incursão às fontes sobre o movimento operário de Rio Grande no início do século XX. **Estudos Ibero-Americanos**, PUCRS, v. XXII, n. 2, p. 91-110, dezembro de 1996.

FIGURA 1. Disponível em: OLIVEIRA, Débora Bondan de. **DRAGAGENS NO PORTO DO RIO GRANDE: UM ESTUDO SOBRE OS IMPACTOS E CONFLITOS DE USO**, Rio Grande: Pós-Graduação Geografia/FURG, Rio Grande, 2014. Fonte utilizada para retirada de suporte de figura para ilustração da região no texto.